

A DIMENSÃO DO HABITAR NA OBRA A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS: UM OLHAR GEOSÓFICO

THE DWELL DIMENSION IN THE WRITING A CASA, BY NATÉRCIA CAMPOS: A GEOSOPHIC VIEW

Tiago Vieira Cavalcante¹

RESUMO

A ciência geográfica comumente aborda a habitação humana como simples moradia. Em seu tratamento sobre a casa, procura relacionar suas características físico-estruturais aos elementos que compõem o seu entorno. Elementos que influenciam nas suas formas de telhado, na estrutura de suas paredes, no tamanho de seus cômodos e até mesmo na composição de seu mobiliário. Apesar da importância dessa abordagem, não podemos deixar de considerar a relevância do ato de habitar quando na análise da casa. É nesse sentido que consideramos a obra *A Casa*, de Natércia Campos, um singelo exemplo desse ato existencial pautado na intensidade do habitar. Pois, antropomorfizando a casa, também narradora desse romance, a autora torna-a sujeito da existência daqueles que por ali passam, assim não sendo a casa simples objeto de moradia. Eis, portanto, uma tentativa de relacionar Geografia e Literatura, a partir de um olhar geosófico, na ânsia de buscar ampliações compreensivas para os dois conhecimentos.

Palavras-chave: Casa, Habitar, Geosofia, Geografia, Literatura.

ABSTRACT

The geographical science usually deals with human house as simple habitation. In its treatment about home, search for relate its physical-structural elements that make up the surroundings. Factors which influences the roof forms, the walls structures, the room sizes, even the furniture composition. Despite the importance of this approach, we must consider the importance of the dwell act into home analysis. That's the way considered in the writing "A Casa", by Natércia Campos, a great example of this act guides by the intensity of living. Anthropomorphizing the house, also the narrator of this novel, the author makes the house a subject of the existence of those who's passing by, transforming it in not just a habitation object. So, that's an attempt to relate geography and literature from a geosophic perspective, looking for comprehensive extensions for both knowledge.

Key words: Home, Dwell, Geosophy, Geography, Literature

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). tiagogeografia@yahoo.com.br.
✉ Rua Dr. Costa Araújo, 1060, apto. 601, Bairro de Fátima. 60040-620. Fortaleza, CE.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – DIVERGÊNCIAS

“Deixemos a outros o cuidado de estudar a beleza das formas; queremos consagrar nossos esforços a determinar a beleza íntima das matérias; sua massa de atrativos ocultos, todo esse espaço afetivo concentrado no interior das coisas. Pretensões que não podem valer senão como atos da linguagem, empregando convicções poéticas”.

Gaston Bachelard

Em um mundo, dito moderno, onde cada coisa busca ter o seu lugar apropriado (ideias, (pré)conceitos, paradigmas, dogmas.), as relações são colocadas em segundo plano. Não que elas não aconteçam; elas somente têm dificuldades e encontram algumas barreiras para serem efetivadas.

Estranho para nós, portanto, pensar a ciência em sua disciplinarização e afastamento do mundo vivido, quando para pensadores sociais, como, por exemplo, Roberto DaMatta (1997), nossa sociedade, em especial o Brasil, é relacional. Relação que surge no cotidiano humano, mas parece ainda pairar nas amarras científicas das diferentes disciplinas do conhecimento. Oposição entre o pensado e o vivido.

Tal fato leva-nos a lembrar das divergências comumente relacionadas à Geografia – que o diga a ilustre dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana, assim como entre conhecimentos comuns dentro dessas “grandes áreas” –, mas também na maneira como a ciência em geral, muitas vezes, faz rivalizar diferentes tipos de conhecimento inerentes ao pensar e viver humano. Como aponta Michel Maffesoli (2005, 2007), é preciso fazer o exercício daquilo que ele denomina de *elogio à razão sensível*. Razão que não desconsidera o conhecimento ordinário representado pelo cotidiano, a religião, a arte, entre outros, e os sentimentos que esses elementos evocam e traduzem.

Nos campos das relações entre a ciência e a arte, e, mais especificamente entre a ciência e a arte literária, tal fato não é menos tempestuoso, embora tais conhecimentos não cessem de lançar olhares de desejo um sobre o outro (VIERNE, 1994).

Reflexo de um paradigma positivista moderno, essas relações encontram-se inibidas, principalmente, quando partimos de um pressuposto científico que procura compreender/interpretar aquilo que nos parece subjetivo e/ou irracional. E dizemos isso, porque sabemos que essas são relações que variam com o tempo, pois antes se complementavam ou estavam mais próximas em tempos em que a filosofia era tida como a matriz dos conhecimentos. “Ocorre que, naquela época, não existia fronteira entre o poeta, o filósofo e o físico: a sua missão comum consistia em dar uma explicação do mundo” (VIERNE, 1994, p. 80). Relações que se dissociam, em especial, na conjuntura moderna, alardeadora da necessidade de uma verdade que dispensa os pressupostos metafísicos.

Dentro desse breve contexto, a Geografia não escapa de tal alarde. Elabora-se positivista corroborando com a dureza das descrições naturalistas verossímeis. Baseada em preceitos vinculados às ciências naturais, a Geografia dessa época, meados do século XVIII à segunda metade do século XX, era mais uma ciência da natureza do que uma ciência do homem e para o homem². Este dotado de subjetividades e irracionalidades, de inverdades e pecados em suas verdades, de demência frente sua sapiência (MORIN, 2008). Fatos dispensáveis para a compreensão da verdade na ciência positiva. Confirmando nossas assertivas, Amélia Nogueira (2010, p. 224) observa: “A Geografia diferente de outras ciências do homem nasce como ciência da Terra”.

² Embora saibamos da importância do homem na análise dos gêneros de vida de Vidal de La Blache, da Antropogeografia ratzeliana, a qual considera o homem em sua relação com seu espaço vital (território-nação) e dos trabalhos de Élisée Reclus, em especial *L’Homme et la Terre*, para citar os clássicos.

A seguinte afirmação de Vidal de La Blache (2010, p. 04), quando relaciona a Sociologia à Geografia, é esclarecedora de sua preocupação naturalista e, de modo geral, também da preocupação dos geógrafos da época: “[...] a geografia humana se reconhece como parte do estudo da Terra e deve, por isso, permanecer distinta das ciências sociológicas. *Ela procede da terra ao homem e não pela via inversa*” (grifo nosso). Sinal da não consideração das atitudes e sentimentos humanos em relação com a vivência no espaço: sua geograficidade (DARDEL, 1990).

Não fugindo, portanto, ao “espírito do tempo”, a Geografia busca afastar-se dos conhecimentos tidos como não científicos e daqueles que exprimiam de algum modo temas subjetivos e/ou metafísicos relacionados à vida e cultura humana, dentre eles a arte.

Destarte, o interesse dos geógrafos pela literatura não é novo, conquanto tenha se mantido muito marginal e os trabalhos tenham sido escassos (BROSSEAU, 2007). O referido autor indica vários estudos geográficos que possuíam algum tipo de relação entre a ciência geográfica e a Literatura, citando autores como Paul Vidal de La Blache e mesmo Alexander von Humboldt, porém, esclarecendo que esses trabalhos não propriamente tratavam da literatura como um novo campo de pesquisa, pois ela era tomada somente como uma fonte complementar para os estudos geográficos realizados³.

Apesar disso, a partir dos anos 70, com a Geografia Humanista anglo-saxão, o campo de pesquisa da relação entre a Geografia e a Literatura se abre, realizando estudos variados. Tal campo leva em consideração, por exemplo, a literatura como complemento de uma Geografia Regional, como transcrição da experiência dos lugares e/ou como crítica da realidade e da ideologia dominante, indicando uma

³ Para maior detalhamento dos autores e obras que relacionavam de alguma maneira a Geografia e a Literatura, ver os capítulos referentes ao trabalho do geógrafo Marc Brosseau, inseridos no livro *Literatura, Música e Espaço* (2007), organizado pelos geógrafos Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl.

preferência constante pela literatura realista. Preferência proveniente das diferentes correntes do pensamento geográfico, a exemplo da corrente cultural-humanista e da marxista (BROSSEAU, 2007).

Corrêa e Rosendahl (2007, p. 08) esclarecem a preferência do geógrafo pela literatura realista expondo:

A distinção inicia-se pela própria seleção das obras a serem analisadas. Ao geógrafo interessam aquelas nas quais o espaço e o tempo não sejam meros panos de fundo, necessários e insubstituíveis, mas parte integrante da trama, sem os quais esta não poderia ser construída, tornada inteligível e identificável.

Além disso, enquanto elementos indissociáveis, como indica Monteiro (2002), o espaço e o tempo são conceitos/noções de suma relevância na análise geográfica sobre a literatura. Não à toa, romances como, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, assim como as obras de Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Mário de Andrade, entre outros (os quais possuem fundo realista-regionalista), são tão comumente dissecados em seus aspectos histórico-geográficos por diversos pesquisadores. Constituem-se assim, em importantes documentos poéticos de fragmentos espaço-temporais do Brasil. Têm certa fixidez no espaço e no tempo, ou seja, são localizáveis nesses dois âmbitos, embora em alguns momentos, por serem obras ficcionais, tais noções não fiquem tão claras.

Apresentamos esse contexto delineador, em especial, das *divergências* entre a ciência geográfica e a arte, para então lançarmos possíveis *convergências* entre essa mesma ciência e uma obra de arte literária (romance). Conscientes desses pressupostos, pretendemos fazer uma primeira e breve reflexão sobre a dimensão do habitar na obra *A Casa*, da autora cearense Natércia Campos.

TEXTO E CONTEXTO – CONVERGÊNCIAS

Para analisarmos a obra *A Casa* (2004), apresentaremos, inicialmente, os aspectos de sua construção que nos levaram a compreendê-la como uma literatura capaz de nos oferecer aquilo que denominaremos de *atitudes espaciais*, tomando como seu atributo maior a dimensão do habitar.

Por atitudes espaciais entendemos as diferentes maneiras com as quais os personagens se relacionam com o espaço no romance, na pretensão de descortinar as vivências espaciais que se dão nos meandros da Casa-Grande (*A Casa*). Esta última, de todo modo, também faz parte dessa relação, sendo personagem tão ilustre quanto os que nela moram.

A Casa⁴, como indica Pardal (2003, p.55), “fala, na verdade, do ser humano, em todo o seu caminho existencial, com todas as suas contradições”. Portanto, mesmo estando fixa no sertão, sua narração não se constrói em consequência do contexto geográfico no qual está inserido, mas sim com base nas relações entre os seus moradores e destes com seu espaço vivido, o seu lugar. Lugar que aparece como denominador comum no princípio de uma possível aliança entre a Geografia e a Literatura, ou de outro modo, entre o mapa e a trama (MONTEIRO, 2002).

Não obstante, é interessante, nessa abordagem ficcional de Natércia Campos, percebermos o quanto a Casa quebra de modo

singelo – principalmente nas histórias trazidas por aqueles que ali passam – seus limites geográficos. Ela não é um simples lugar, mera habitação ou mesmo bucólico lar, como veremos. Ela é bem mais. Não nega nenhuma dessas condições. Para Pardal (2003, p. 56), “[...] tudo o que ocorre ao redor da casa e, principalmente, as histórias que aparecem, pela lembrança da narradora, são tão importantes quanto os personagens”.

Não sendo, portanto, simples moradia humana, a Casa é tão importante quanto os que por ali passam. E os seres humanos passam por ali, não por se desfazerem dela como domicílio ou mesmo por serem meros transeuntes pós-modernos, mas sim, pelo fato da Casa ser construída para durar, certamente bem mais do que a abreviada vida de um homem. Dessa maneira, seus personagens passam, mas a Casa perdura. De tal modo que diferentes gerações de uma família atravessam a vida da própria Casa. Histórias se acumulam, novos olhos abrem-se ávidos por vida e a morte ronda a todo instante, multiplicando-se assim, os espaços e os tempos em suas tenras lembranças.

Nesse contexto, a narradora bem ilustra as angústias e anseios daqueles que, diante das vicissitudes da vida (ser) e da geografia que os comporta e é sua essência (estar), preenchem a Casa de geograficidade.

É assim que, recheada de humanidade, motivo para a mesma ter vida, com amparo na relação objeto-sujeito fenomenológico, que a Casa, ao mesmo tempo em que narra sua vida, também não esconde os detalhes dos acontecimentos vinculados às diferentes gerações de uma família ilustrada no decorrer da narração. É no peculiar cruzamento de geograficidades que se encontra a riqueza geográfica do romance.

Queremos, com isso, esclarecer o fato de compreendermos a vivência no espaço, ou de outra maneira, o cotidiano no espaço vivido, como intimamente vinculado às atitudes que os seres humanos têm para

4 É na condição objeto-sujeito que optamos por manter, quando tratarmos da Casa, sua primeira letra em maiúsculo, com intuito de representarmos a propriedade humana que esta possui. Fato este que também aparece no título da obra de Natércia Campos, talvez uma singela consideração, por parte da autora, dessa importante propriedade. Buttmer (1985), corroborando com as considerações fenomenológicas na pesquisa, argumenta que tal premissa metodológica tem desafiado os procedimentos da ciência positiva, assim como é uma crítica radical ao reducionismo, à racionalidade e à separação de “sujeitos” e “objetos” na pesquisa.

com esse espaço; daí sua vitalidade. Atitudes, diga-se de passagem, bem delineadas pela autora, nas vivências de seus personagens em diversas tramas e, em especial, na “consciência” que possui sua casa antropomorfizada, narradora da obra e objeto-sujeito no romance.

O olhar geosófico, no título do trabalho, é expressão do valor geográfico ou espacial de obras artísticas, como a obra literária aqui analisada, pois, como indicara John K. Wright (1947), *geosofia* é o estudo da sabedoria geográfica de qualquer ou todos os pontos de vista. Partimos, portanto, de um ponto de vista que considera a obra literária como fonte de conhecimento geográfico, mas não somente – e o que é o mais importante para nós nessa interpretação – consideramos, mais especificamente, o romance de Natércia Campos um belo subsídio para compreensão de *atitudes espaciais* traduzidas no espaço vivido a partir do desenrolar da história. Atitudes que nos levam a pensar no sentido da geograficidade dardeliana.

E daí recai sobre nós uma primeira dificuldade tipicamente geográfica. Mesmo com estreita aproximação da literatura regionalista, o romance se difere dessa literatura por não poder ser localizado espaço-temporalmente.

Comumente, as obras literárias, em especial as de cunho realista-regionalista, têm um arcabouço espaço-temporal bem delineado. Como indica Ruy Moreira (2007), a fase regionalista, período da história da literatura brasileira que abarca as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, possui autores que representam tanto os lugares de onde provêm como também a realidade social, localizada historicamente, desses diferentes lugares. Cada qual tematizando a realidade do homem brasileiro segundo sua especificidade.

O referido autor exemplifica com Ferreira de Castro (para a Amazônia seringueira), Dalcídio Jurandir (para a Amazônia marajoara), Hugo de Carvalho Ramos (para o sertão goiano), Raquel de Queiroz (para

o sertão nordestino), José Lins do Rêgo (para o Nordeste açucareiro), Graciliano Ramos (para o agreste alagoano), Jorge Amado (para o sul - baiano açucareiro), Érico Veríssimo (para o pampa sulino), Antônio Cândido de Carvalho (para o sertão mineiro) e Mário Palmério (para o sertão oeste - mineiro). Uma verdadeira geopoética do espaço brasileiro. Podemos somar a esses, alguns autores realistas/naturalistas como Aluísio de Azevedo (para o Rio de Janeiro entre o século XIX e XX) e Adolfo Caminha (para Fortaleza entre o século XIX e XX) os quais, mesmo não sendo representantes da fase regionalista, mas sim naturalista, delineiam ricas noções geográficas dos lugares inseridos em suas obras.

O romance de Natércia Campos, apesar do grande vigor regionalista, bem delineado na apresentação de fauna e flora típicas do sertão, assim como no linguajar dos personagens e narradora desse romance, não dá indicações do espaço-tempo do/no desenrolar da trama. As denominações dos lugares são ficcionais e o tempo histórico incerto permeia com maior vigor os nascimentos, vivências e mortes dos sujeitos-personagens das diversas gerações que perpassam a Casa, do que propriamente o tempo em que se passam essas tramas.

Contudo, isso não nos impede de percebermos a importância do espaço e do tempo no desenrolar desse romance, pois essas noções apresentam relações diversas entre os sujeitos-personagens e a narradora-casa, o que amplia nossa percepção geográfica para além das localizações espaço-temporais.

Natércia Campos (1938-2004), como indica Pardal (2003) e Lima (2009), elaborou seu romance a partir de pesquisa intensa, pois a autora nunca viveu no sertão, tendo nascida e criada na Praia de Iracema, cidade de Fortaleza. Todavia, Natércia Campos é uma contista nata, sendo também filha de um dos maiores contistas cearenses: Moreira Campos; e, nesse aspecto, elabora sua obra dentro de um contexto

de literatura fantástica de desdobramentos múltiplos, como se o romance, apesar de sua inteireza, fosse um amálgama de pequenos contos.

Assim, tomando como base a apresentação contida na edição de 1999, e diante dessa condição, Paulo de Tarso Pardal reflete o seguinte, ao pensar sobre o romance da autora:

[...] com certeza, fez uma imensa pesquisa, sobre o imaginário fantástico desse povo, não somente das suas crenças, lendas, superstições, religiosidade etc., mas, sobretudo, dos termos que compõem esse imaginário, termos estes que não estariam tão apropriadamente empregados, se tal pesquisa não tivesse sido feita, já que ela diz não ser do sertão. (PARDAL, 2003, p. 53)

É esse caráter simbólico, com pés fincados no imaginário, que mais nos interessa para a composição e interpretação da dimensão do habitar na obra, pois, como vimos na citação acima, o exame geográfico não é levado em consideração com vigor. Se o Sertão é por Natércia Campos representado, isso se dá, principalmente, pelo imaginário fantástico que permeia o espaço sertanejo a partir daquilo que a autora pesquisou. Imaginário que nos leva a pensar na dimensão do habitar e nas atitudes espaciais dos sujeitos-personagens que caracterizam tal dimensão.

Acabamos assim, levando em consideração para esta análise a força ontológica que o romance possui, porque, afinal, é ele que nos leva a fazer isso. Sua fluidez, portanto, seu movimento, encabeçado no vai e vem espaço-temporal interpelado pelas lembranças da narradora-casa, nos faz pensar na dimensão do habitar; no aqui, ali e acolá que a própria fluidez humana possui. Seu complexo bíblico de Abel, no andar cotidiano, reúne a possibilidade de encontros e convergências.

CASA DE CORPO, ALMA E CORAÇÃO

Como se viu, o romance *A Casa*, de Natércia Campos, tem como uma de suas principais peculiaridades o espaço geográfico, ou seja, a Casa ter sido humanizada pela autora (e, de certo modo, ficcionalmente, por aqueles que nela habitam), sendo ela a narradora de todo o romance.

Nesse contexto, a Casa é objeto-sujeito na trama do livro. Possui lembranças, impressões, conhece a personalidade dos seus moradores, seus dramas, alegrias, fobias e crenças. Além disso, possui total noção físico-estrutural de seu “*corpo*” construído e fincado na paragem sertaneja. Noção de seu espaço pessoal elaborada na relação casa-homem-universo (BACHELARD, 2008), o qual constrói a consciência da Casa. Exemplo disso é, logo no início, seu sopro de consciência:

Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrames ensamblados nos esteios, deu-me solidez. As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo: o estipe das carnaúbas, os troncos de jucá, os da ibiraúna, a braúna, madeira preta dos índios fechada à umidade por ser impregnada de resinas e tanino. Usaram pau d’arco rígido e flexível, daí sua força nos vigamentos e arcos indígenas; as linhas foram feitas da aroeira-do-sertão – a árvore da arara, onde esta pousa e vive –, do angico de raias castanho-negro de tronco rugoso parecendo trazer nele incrustadas pequeninas ostras, do sabiá-piúga de casca da cor da plumagem desse pássaro. Das chapadas profundas do sertão veio o pau-branco da cor de prata acinzentada a clarear a mata onde vive o oloroso, preservado e incorruptível cedro de porte nobre (CAMPOS, 2004, p. 07).

A Casa continua sua íntima explanação sobre a feitura de seus meandros internos, explorando suas peculiaridades, diga-se de

passagem, de casa-grande sertaneja da localidade de Trindades. Desse modo, apresenta seu longo e escuro corredor, os vários quartos divididos por indiscretas paredes-meias e os curiosos buracos grossos, feitos na altura da cintura de um homem, tendo eles serventia para a defesa em caso de cerco.

Possui também consciência do espaço em sua volta e ainda além. Sendo assim, dá também notícia da arrendada secreta para uso só das mulheres, de um compartimento para o guardo de arreios, relhos, cangalhas bridas, selas, machados etc., do curral, da capela, do açude, assim como do peculiar gnômon, o relógio do sol.

Ainda sente com vivacidade o sopro dos ventos (sua voz) em suas paredes e telhados, a força do tremor da terra, o tocar da água da escassa chuva que faz grande falta em tempos de seca e o fumegante calor do fogo árido em suas entranhas.

Essa vivacidade é importante exemplo dos elementos próprios da Terra, os quatro elementos têm grande importância na narrativa. Tais elementos representam as forças, também elementares, que constituem a natureza geográfica do/no romance, tendo atuações sempre presentes nas histórias da Casa e na dimensão do habitar dos seus moradores. Um verdadeiro prato cheio para a interpretação poético-imaginativa bachelardiana e sua poética do espaço (2008)⁵. Revela a Casa, rememorando a fala do seu primeiro dono, Francisco José Gonçalves Campos, português do Minho (por isso as aspas): "A natureza traz em si o dom de revelar o que está por vir a acontecer. É sentir o que dizem os quatro elementos, mas o homem vive à mercê

⁵ Além de *A poética do espaço*, de acordo com Antonio Dimas (1987, p. 43), constituem-se em obras "que prestam forte contribuição a especulações sobre o espaço na literatura": *La psychanalyse de feu (A psicanálise do fogo)*, *L'eau et le rêves (A água e os sonhos)*, *L'air et les songes (O ar e os sonhos)*, *La terre et lês revêries de la volonté (A terra e os devaneios da vontade)* e *La terre et lês revêries du repôs (A Terra e os devaneios do repouso)*.

dos seus quatro humores e não atenta ao eu redor" (CAMPOS, 2004, p. 18).

O ar é representado pela leveza dos ventos, sua fluidez e perspicácia. Os ventos trazem notícias de longe, assim como o som das palavras pronunciadas em meio às notícias que formam segredos circundantes.

Foram os ventos que me contaram histórias, me deram ciência. Na época da grande volta dos ventos, depois de agosto sempre de céu escampo, se podia ouvir nas encruzilhadas como seria o tempo no ano vindouro. Foram eles nos seus ciclos que me disseram da magia e da força das palavras pronunciadas a desalojar o que está emparedado, acordando reminiscências, atijando a memória. Os segredos se desassossegam. Circulam. Os mortos acodem ao serem invocados seus nomes (CAMPOS, 2004, p. 10,11).

A terra demonstra sua força e dureza sintetizadas em trovões que fazem com que a Casa sinta oscilar seu chão, "como se estivéssemos plantados no dorso de um grande animal de porte que se pusera em trôpego e lento movimento tal qual o dos cágados" (CAMPOS, 2004, p. 20). É também base para a Casa, pois a terra é sua mãe, sendo dela a origem dos seus componentes.

A água é ilustrada no seio do recurso hídrico (o açude) que a Casa enxerga e cujo fresco pode sentir. Sua profundidade carrega a lástima de um menino morto por afogamento, comumente trazido em tristes lembranças pelos ventos. Sua delicadeza mescla-se então à escuridão de sua fundura. Tal elemento também se mostra presente nas escassas chuvas que fazem renascer o sertão, perpetrando a renovação da vida vegetal e animal, assim como da vida humana que emana de dentro das paredes da Casa.

Foi em julho, [...] que fui batizada pela chuva repentina e alvissareira, molhando e avivando a cor das minhas grossas telhas-canais de barro cozido. Sorvi e senti-me renascer. Encantei-me com aquelas gotas de água vindas do céu. Porejei

como os grandes cântaros, os bojudos potes nas cantareiras de imburanas da cozinha, lugar de cheiros, de picumãs enegrecidas e estancadoras de sangue, de alquimias e falatórios, onde se primeiro ouviam os sussurros sobre virgindades, adultérios, sevícias e espreitas de espera e desforra (CAMPOS, 2004, p. 15).

O *fogo sertanejo*, calcado no sol rei, é a contraposição necessária da chuva. Caracteriza morfoclimaticamente o sertão e expulsa nos períodos de grande seca os moradores da Casa. Esquenta as suas paredes, seu lado de paredes curtidas, pois voltadas para o sol. Sol, no dizer da narradora, “pai absoluto do lugar, se põe morgado, ao esconder-se da noite atrás das serras” (CAMPOS, 2004, p. 09).

Construída para ser habitada, a Casa reúne as condições do habitar heideggeriano (2008). É a maior consciente da dimensão do habitar no romance, sendo sagrada em sua habitabilidade (BACHELARD, 2008; BOLLNOW, 2008). Os personagens, até certo ponto, são fragmentos dessa dimensão (abramos aqui uma singela exceção para o Bisneto que atravessa boa parte do romance), cada um ao seu modo e no seu espaço-tempo.

Ela vive em meio a lembranças e causos que presencia. Sua falta de opinião sobre os moradores não se reflete na plena consciência que possui sobre as práticas dos mesmos. É sábia em sua vivência, compreendendo coisas que os homens não ousam compreender, até mesmo os mistérios d’Ela; a morte. Diz ela:

O que vivi no longo do tempo que me foi dado tornou-se um infindo círculo de viventes, gestos, vozes, imagens, atos que surgem imprecisos de suas épocas e gerações. Emaranhem-se as histórias. Voltam sem o ímpeto, a chama que lhes deu vida, e de todas elas sei o final, o desfecho. Ressuscitam sem encadeamento, artes do velho tempo, a embotar estas reminiscências com sua pátina. Diferem das histórias contadas pelos homens até porque o tempo deles é por demais curto. Estão ainda em pleno aprendizado, na busca de respostas, de

entender sobre os seus de sangue para neles se descobri, na vã peleja com o obstinado Destino, quando são surpreendidos por Ela. Este seu viver de cada dia sob a expectativa da tocaia desde o berço e cientes da arbitrariedade d’Ela, que se pode sentenciar a qualquer momento, gerou neles a loucura de viverem como se imortais fossem, daí tanta lágrima e sonhos vãos (CAMPOS, 2004, p. 24, 25).

Nas histórias diversas e nos pequenos contos – como *O encoletado em couro* e *O menino de rasto de pluma* –, temos a gênese da construção do romance (LIMA, 2009). Construção e reconstrução (nas suas várias reformulações) que também permeiam o espaço-tempo na/da Casa em suas várias reformas físico-estruturais.

Tal construção é originalmente o habitar, pois habitar, de acordo com Heidegger (2008, p. 126), “seria, em todo caso, o fim que se impõe a todo construir”. Duas atividades separadas (habitar e construir), como são indicadas pelo referido autor, os quais, a nosso ver, se complementam no sentido que possuem para a geograficidade do homem com fundamento em suas atitudes diante do espaço no qual vive: a “*alma*” da Casa.

Dessa maneira, é a condição humana, sobretudo, que dá vitalidade à Casa. Daí sua possibilidade de antropomorfização, assim como, ao mesmo tempo, de ser narradora e personagem (objeto-sujeito), sendo observadora privilegiada do cotidiano dos/nos seus meandros. São os moradores que nos trazem o pulsar do “*coração*” da Casa. Seu cotidiano e peleja subjetiva trazem humanidade à narradora. Talvez, na Casa, a partir de sua personificação, tenhamos então uma consciência própria da autora sobre os causos do sertão e de como, porventura, eles se desdobram no ambiente familiar em suas diferentes gerações. Afinal, o que seria dela sem seus peculiares moradores? Em termos geográficos, para não perdermos a reflexão: o que seria do espaço sem o ser humano?

Apresentamos a Casa em seu corpo, alma e coração para compreendermos que tal construção constitui-se em objeto-sujeito de estudo na trama romanesca de Natércia Campos. Enquanto objeto-sujeito de estudo, a Casa, como expressão de sua consciência, tem a (sobre)vivência humana como base. Suas bases estruturais, portanto, são terrenas, porém suas bases simbólicas são deveras humanas. É o espaço vivido enquanto Ser, possível ficcionalmente, impossível na realidade (MARTINS, 2007), e no romance responsável por nos ensinar um pouco mais sobre a dimensão do habitar humano. Percebamos agora, com maior acuidade, tal habitar.

POR UMA GEOGRAFIA DO MOVIMENTO: HOMEM, O SANGUE DA CASA

O sangue é exemplo metafórico da fluidez que os corpos possuem em suas diferentes escalas; do corpo humano ao corpo Terra. O corpo da Casa não foge desta singela regra: se institui simbolicamente quando habitado pelo homem, pelo *Ser-humano*: ser-na-casa é ser-estar-no-mundo.

É dentro desse contexto que breves críticas sobre a percepção geográfica da Casa pode ser realizada. Afinal, tradicionalmente a Geografia tem percebido os aspectos físico-estruturais da casa em relação com a natureza que a circunda em contraposição às possibilidades do habitar que ela contém. Possibilidades multiescalares em consideração ao movimento que a dinâmica do habitar exige: “A espacialidade da existência é movimento e não enraizamento” (BESSE, 2006, p. 93). Movimento não somente do passo humano, mas também de suas vontades, sonhos, crenças, devaneios, ideais. Movimento, portanto, também de suas representações.

Dentro de nossa compreensão de Geografia, entendemos esse conhecimento, assim como Eric Dardel, analisado por Jean-Marc Besse (2006, p. 85), “como uma dimensão originária da existência humana”.

Para darmos continuação à interpretação do romance *A Casa*, é nessa dimensão originária que nos aportamos neste momento, pois o cotidiano da Casa nos traz toda a pluralidade de aspectos que a preenchem, caracterizando assim, seu espaço vivido e a geograficidade que a permeia a partir das vivências espaciais de seus moradores.

Assim sendo, no romance, há uma forte relação entre o cotidiano dos moradores da Casa e suas crenças, medos, desejos, lembranças. Características próprias dos personagens sertanejos permeados por santos, ditos populares e hábitos peculiares, provenientes do sincretismo étnico-cultural do aqui com o além-mar: “As superstições de além-mar logo se aliaram às que aqui existiam” (CAMPOS, 2004, p. 13).

Os *santos* são comumente citados e cada um, a sua maneira, tem uma serventia. E sua serventia principal, entre as paragens áridas do sertão, é em relação ao milagre da chuva que, mesmo com a força de diversos santos, teima em não chegar. A passagem seguinte nos demonstra bem isso.

Os homens subiram em um platô no dia de *São Vicente* para espreitar os ventos, atearam fogo em gravetos sem deixar que chamejassem e a fumaça subiu linheira em vez de espalhar-se como as águas. Desceram acobardados e esperaram o dia de *Nossa Senhora da Purificação*, *Nossa Senhora das Candeias*, para à noite acenderem suas velas e rogarem mudanças no tempo. Nesse dia, batizaram os nascidos mortos e os pagãos, despejando uma mão de água nas suas sepulturas, nas porteiras dos currais e nos caminhos em cruz.

O último e terceiro santo em que puseram esperanças foi o peregrino *São José*, mas nem neblina caiu durante o seu dia e as nuvens correram céleres. Alguém afirmou: “Vai-se o tempo com o vento”, quando no final de março o Vento Sul soprou

franco pela madrugada e a oração "*Ad Petendam Pluviam*" era já escutada por todos e rezada pelas mulheres no quarto do oratório de jacarandá, de três portas, com suas efígies e velas, em tom de súplica. As palavras assim anunciadas desencantaram a espera e então todos a um só tempo sentiram o que lhes era destinado. O alto negro banto silenciou, nas noites, o malembe, seu canto rogatório. Há muito fora posta a imagem de *Santo Onofre*, voltada de costas, olhando para dentro da despensa para garantir a subsistência dos alimentos e para que não faltasse quem deles se nutrisse (CAMPOS, 2004, p 22 – grifos nossos).

Tia Alma (Maria), "assim chamada pelos sobrinhos por ser delas devota" (CAMPOS, 2004, p. 25), é a moradora de maior "intimidade" com os santos. Reza para os mortos e benze os que nascem; prediz acontecimentos junto aos viventes e, não tendo se casado, cuida dos seus sobrinhos.

Os diferentes *tempos* também exprimem atitudes específicas que, como podemos perceber, com maior ou menor ênfase, têm reflexos espaciais. Tempos que rememoram espaços. Tempos guiados pelo velho gnômon, o relógio do sol, a exemplo da hora das miragens em pleno meio-dia "em que os demônios libertam-se"; hora "onde há de se fazer sesta" (CAMPOS, 2004, p.10) e os tempos longos da estação das chuvas. A Casa revela:

É sempre na estação das chuvas que retornam as velhas histórias. [...] Nessa estação relembro o clamor das forças da natureza que se desencadeiam intemporais e eternas. Lembro-me do início do meu despertar. Volto às construções: do curral, cuja porteira ficava no sentido do nascente para assegurar a prosperidade ao santo gado, do cemitério e da capela, com seu sino de bronze, temperado com ouro, artes do mestre ourives para dar-lhe maior sonoridade e, muito depois, do açude represando as águas do boqueirão do riacho da Jandaíra (CAMPOS, 2004, p. 17, 18).

As *crenças* não podiam ser afligidas, pois como diz Bento (personagem dotado de poderes de cura, assim afortunado por ter chorado no ventre materno): "Não se deve deixar dormir no escuro doente grave nem menino pagão. A chama acesa em vigília protege os que tanto carecem. É maldição morrer sem vela" (CAMPOS, 2004, p. 16). Ou como desfia Tia Alma: "Não se deve pronunciar nome de alguém que já morreu para não interromper seu repouso, fazendo-o voltar. Antes do nome ponham a palavra – finado –, pois ele ao ouvi-la saberá sua nova condição" (CAMPOS, 2004, p. 29). Maneiras íntimas de estabelecer relação com o espaço: na escuridão do espaço que deve ter a presença iluminada de uma vela para que não se morra maldito e no necessário desapego do espaço por parte daquele que já partiu.

Já os *ditados populares* eram tão valiosos quanto é hoje a moderna ciência. Desfia a narradora, depois de já ter presenciado tantos nascimentos e mortes em sua vida alongada de casa: "Cada vivente já vem temperado; dele próprio é quase nada" (CAMPOS, 2004, p. 32). E mesmo a parteira ao fazer o nascimento de Custódio, filho problemático que nascera com um sexto dedo: "Se Deus marcou, alguma coisa lhe achou" (CAMPOS, 2004, p. 44). Exemplos de certo determinismo mito-genético, marcado pela experiência daqueles que já há muito presenciam os causos do mundo.

Nesses breves exemplos, vale dizer que os santos, os tempos, as crenças e os ditados populares são singelas demonstrações de como aqueles que perpassam a Casa (sobre)vivem entre e além de suas paredes, trazendo assim, a noção de sua vivência no espaço, seu habitar. São elementos no romance que representam e nos ensinam, em especial, a geograficidade que o mesmo possui a partir das atitudes espaciais os quais pontuamos.

Junto a isso, certamente, poderíamos destacar atitudes mais evidentes quanto à geograficidade da Casa como, o cotidiano da

A Dimensão Do Habitar Na Obra *A Casa*, De Natércia Campos: Um Olhar Geosófico
Tiago Vieira Cavalcante

cozinha, “o lar das casas” (CAMPOS, 2004, p.28), com seus ratos vigilantes e roedores de sobras, as pilhas de achas de lenhas, de sopro nas brasas, de pilões e almofarizes de pedras e de vassouras a cumprirem seu trabalho. Poderíamos também nos lembrar da arrumação da bela Maria, casada com um dos irmãos do malvisto Custódio, a qual no romance é “[...] incansável na difícil arte de arrumar, pôr em ordem e manter sempre limpos quartos e salas” (CAMPOS, 2004, p. 49), e que por não suportar a difícil tristeza de não poder ter um filho, suicida-se em um dos quartos da casa que a partir de então se torna assombrado; um espaço topofóbico.

Podemos agora repetir a pergunta que antes já fizemos, porém com alguns acréscimos. O que seria da Casa, portanto, sem seus singelos moradores e suas crenças, medos, problemas, sem o cotidiano humano e suas atitudes espaciais? Respondamos: certamente mera habitação, assim como gostavam de perceber nossos colegas geógrafos tradicionais e neopositivistas as casas daqui e d’alhores. Seria Casa com “c” minúsculo. Triste casa que, ao final da história, exatamente por não possuir mais moradores para abrigar e proteger, com suas telhas, do tórrido sol e das escassas chuvas, sentindo-se assim vívida, descansa em sonho debaixo d’água.

Fiquemos, por fim, com uma essencial reflexão sobre a arte, elaborada por aquele que é um dos mais célebres artistas da língua portuguesa: Fernando Pessoa. Expressão de sua sensibilidade e consciência da importância da arte para a compreensão do ser-no-mundo.

O valor essencial da arte está em ela ser o indício da passagem do homem no mundo, o resumo da sua experiência emotiva dele; e, como é pela emoção, e pelo pensamento que a emoção provoca, que o homem mais realmente vive na terra, a sua verdadeira experiência, registra-a ele nos fatos das suas emoções e não na

crônica do seu pensamento científico, ou nas histórias dos seus regentes e dos seus donos (PESSOA, 1976, p. 218).

Eis nossa Geografia! Preocupada, como ansiara John Kirtland Wright, com o lugar da imaginação nas análises geográficas. Eis ela apresentada na compreensão do romance de Natércia Campos e de sua imaginação literária. ☉

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007. p. 17-77.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 165-193.
- CAMPOS, Natércia. **A Casa**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007. p. 07-16.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

A Dimensão Do Habitar Na Obra A Casa, De Natércia Campos: Um Olhar Geosófico
Tiago Vieira Cavalcante

DARDEL, Eric: **L'Homme et la Terre**: nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

LIMA, Elisabete S. Alencar. **A Casa**: arquitetura do texto – uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MARTINS, Elvino Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP**: espaço e tempo. São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.

MONTEIRO, Carlos A. de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOREIRA, Ruy. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007. p. 143-159.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NOGUEIRA, Amélia R. B. A Geografia e a experiência do mundo. In: BOMFIM, Paulo A; SOUSA NETO, Manoel F. (orgs.) **Geografia e pensamento geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 219-226.

PARDAL, Paulo de Tarso. Era uma vez... In: PARDAL, Paulo de Tarso. **Discurso do imaginário**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2003. p. 53-63.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa em um volume**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Relações da sociologia com a geografia. **Confins**. n.8, p. 01-04, 2010.

VIERNE, Simone. Ligações tempestuosas: a ciência e a literatura. In: **A ciência e o imaginário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 79-95, 1994.

WRIGHT, John K. Terra incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.37, p.1-15, 1947.

Submetido em Fevereiro de 2011.

Revisado em Maio de 2011.

Aceito em Maio de 2011.